

JOHN REED

Dez dias que abalaram
o mundo

Tradução de
BERNARDO AJZENBERG

Introdução de
A. J. P. TAYLOR

*Apresentação à edição
americana de*
V. I. LÊNIN

1ª reimpressão



PENGUIN

COMPANHIA DAS LETRAS

Copyright da introdução © 1977 by A.J.P. Taylor
Copyright da cronologia © 1966 by Penguin Group

Grafia atualizada segundo o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990, que entrou em vigor no Brasil em 2009.

Penguin and the associated logo and trade dress are registered and/or unregistered trademarks of Penguin Books Limited and/or Penguin Group (USA) Inc. Used with permission.

Published by Companhia das Letras in association with
Penguin Group (USA) Inc.

TÍTULO ORIGINAL
Ten Days that Shook the World

CAPA E PROJETO GRÁFICO PENGUIN-COMPANHIA
Raul Loureiro, Claudia Warrak

PREPARAÇÃO
Eliane de Abreu Santoro

REVISÃO
Carmen S. da Costa
Ana Maria Barbosa

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Reed, John, 1887-1920.

Dez dias que abalaram o mundo / John Reed ; tradução
Bernardo Ajzenberg. — São Paulo : Penguin Classics Compa-
nhia das Letras, 2010.

Título original: Ten days that shook the world.

ISBN 978-85-63560-08-7

1. Repórteres e reportagens 2. Rússia — História —
Revolução de fevereiro, 1917 3. Rússia — História — Revo-
lução de fevereiro, 1917 — Narrativas pessoais 1. Título.

10-12348

CDD-070.4499470841

Índices para catálogo sistemático:

1. Revolução russa, 1917 : Reportagens jornalísticas
070.4499470841

1. Rússia : Revolução comunista, 1917 : Reportagens
jornalísticas 070.4499470841

[2011]

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA SCHWARCZ LTDA.

Rua Bandeira Paulista, 702, cj. 32

04532-002 — São Paulo — SP

Telefone (11) 3707-3500

Fax (11) 3707-3501

www.penguincompanhia.com.br

Sumário

Introdução — A.J.P. Taylor	9
Apresentação à edição americana — V.I. Lênin	27

DEZ DIAS QUE ABALARAM O MUNDO

Prefácio	31
Notas e esclarecimentos do Autor	38
1. O pano de fundo	51
2. A tempestade se aproxima	68
3. A véspera	96
4. A queda do Governo Provisório	130
5. Seguindo em frente	170
6. O Comitê de Salvação	209
7. O front revolucionário	235
8. A contrarrevolução	258
9. A vitória	285
10. Moscou	311
11. A conquista do poder	327
12. O Congresso Camponês	360
<i>Apêndices</i>	383
<i>Cronologia</i>	492
<i>Outras leituras</i>	496

I. O pano de fundo

No final de setembro de 1917, um professor de sociologia estrangeiro em visita à Rússia encontrou-se comigo em Petrogrado. Ele ouvira dizer, de homens de negócios e de intelectuais, que a revolução estava diminuindo o ritmo. O professor escreveu um artigo sobre isso e depois percorreu o país, visitando cidades industriais e comunidades rurais — onde, para seu espanto, a revolução parecia se acelerar. Entre os trabalhadores assalariados e do campo, era comum ouvir-se falar em “toda a terra para os camponeses, todas as fábricas para os operários”. Se o professor tivesse visitado o front, teria ouvido o exército inteiro falando na paz.

O professor ficou perplexo, mas não era o caso: as duas observações estavam corretas. As classes proprietárias tornavam-se mais conservadoras, e as massas populares, mais radicais.

Havia um sentimento geral, entre os homens de negócios e a *intelligentsia*, de que a Revolução já tinha ido longe demais e que já durava muito; que era tempo de as coisas se estabilizarem. Tal sentimento era compartilhado pelos grupos socialistas “moderados” mais importantes, os *oborontsi*^{1*} mencheviques

* Referências assim numeradas remetem ao apêndice, página 383.

e socialistas revolucionários, que apoiavam o Governo Provisório de Kerenski.

Em 14 de outubro, o órgão oficial dos socialistas “moderados” afirmava:

O drama da Revolução tem dois atos: a destruição do regime antigo e a criação do novo regime. O primeiro ato já durou tempo demais. Chegou a hora de partir para o segundo, e encená-lo o mais rapidamente possível. Como disse um grande revolucionário, “Apresem-nos, amigos, para concluir a Revolução. Aquele que a faz durar tempo demais não colherá seus frutos”.

Entre as massas de operários, soldados e camponeses, porém, havia um forte sentimento de que o “primeiro ato” ainda não havia terminado. No front, os comitês do Exército ainda tinham de enfrentar oficiais que não conseguiam se acostumar a tratar seus homens como seres humanos; na retaguarda, os membros dos comitês rurais eleitos pelos camponeses eram presos por tentarem aplicar as determinações do governo referentes ao campo; e os operários² nas fábricas enfrentavam listas negras e locautes. Além disso, refugiados políticos que voltavam para casa eram expulsos do país como cidadãos “indesejados”; em alguns casos, homens que voltavam do exterior para suas aldeias eram perseguidos e encarcerados por atos revolucionários cometidos em 1905.

Para as diversas manifestações de descontentamento por parte do povo, os socialistas “moderados” tinham uma mesma resposta: aguardemos a Assembleia Constituinte, que se reunirá em dezembro. Mas as massas não estavam satisfeitas com isso. Nada tinham contra a Assembleia Constituinte, mas algumas coisas pelas quais a Revolução Russa tinha sido feita e pelas quais os mártires revolucionários jaziam em valas comuns no Campo de Marte precisavam ser efetivadas, com ou sem a

Constituinte: paz, terra e o controle das fábricas pelos operários. A Assembleia Constituinte já havia sido adiada várias vezes — e provavelmente seria de novo adiada, até que o povo se acalmasse —, talvez justamente para que se arrefecessem suas demandas! De uma forma ou de outra, a Revolução já completava oito meses e tinha pouca coisa para mostrar...

Enquanto isso, os soldados começavam a resolver a questão da paz por conta própria, simplesmente desertando; os camponeses incendiavam propriedades rurais e ocupavam latifúndios; os operários sabotavam e faziam greves... É lógico, como seria natural, que os industriais, os proprietários de terras e os oficiais do Exército procuravam exercer toda sua influência para combater qualquer compromisso democrático.

A política do Governo Provisório oscilava entre reformas pouco efetivas e medidas repressivas severas. Um comunicado do ministro socialista do Trabalho determinava que os comitês de fábrica só poderiam ser reunir, a partir de então, após o horário de trabalho. Nas tropas do front, “agitadores” de partidos políticos da oposição eram detidos, proibia-se a circulação de jornais radicais e retomava-se a aplicação da pena capital para os propagadores das ideias revolucionárias. Tentava-se desarmar a Guarda Vermelha. Cossacos eram enviados para manter a ordem no interior do país...

Tais medidas foram apoiadas pelos socialistas “moderados” e seus dirigentes membros do governo, que achavam necessário cooperar com as classes proprietárias. O povo logo os abandonou, passando para o lado dos bolcheviques, que defendiam a paz, a terra e o controle das fábricas pelos operários, assim como um governo da classe trabalhadora. A crise eclodiu em setembro de 1917. Contra o sentimento predominante no país, Kerenski e os socialistas “moderados” conseguiram formar

um Governo de Coalizão com a burguesia; e o resultado foi que mencheviques e socialistas revolucionários perderam para sempre a confiança do povo.

Um artigo intitulado “Os ministros socialistas”, publicado em meados de outubro no jornal *Rabochi Put* (Via Operária), expressava os sentimentos das massas populares em relação aos socialistas “moderados”:

A seguir, a relação dos serviços por eles prestados.³

Tseretelli: desarmou os trabalhadores com a ajuda do general Polovtsev, encurralou os soldados revolucionários e aprovou a aplicação da pena capital no exército.

Skobeliev: começou prometendo aplicar uma taxa de 100% sobre os lucros dos capitalistas e acabou... acabou tentando dissolver os comitês de trabalhadores no comércio e na indústria.

Avksentiev: levou à prisão várias centenas de camponeses, membros dos comitês rurais e fechou inúmeros jornais de trabalhadores e soldados.

Tchernov: subscreveu o manifesto “Imperial” que determinou a dissolução da Dieta da Finlândia.

Savinkov: selou uma aliança declarada com o general Kornilov. Só não entregou Petrogrado a esse “salvador da pátria” por motivos que fugiam de seu controle.

Zarudny: sob a bênção de Alexinski e de Kerenski, pôs na prisão alguns dos melhores operários, soldados e marinheiros da Revolução.

Nikitin: atuou contra os ferroviários como um policial vulgar.

Kerenski: é melhor não dizer nada sobre ele. A lista dos serviços prestados é longa demais...

Um congresso de delegados dos marinheiros do Báltico, realizado em Helsinque, aprovou uma resolução que começa da seguinte forma:

Exigimos o imediato afastamento das fileiras do Governo Provisório do “socialista” e aventureiro político Kerenski, que, com sua chantagem política desavergonhada em prol da burguesia, vem desmoralizando e arruinando a grande Revolução, e, com isso, as massas revolucionárias...

A consequência direta de tudo isso era o crescimento dos bolcheviques...

A partir de março de 1917, quando as ruidosas multidões de trabalhadores e soldados, cercando o Palácio Tauride, obrigaram a hesitante Duma Imperial a assumir o poder na Rússia, foram as massas populares, operários, soldados e camponeses que forçaram todas as mudanças em curso na Revolução. Foram eles que derrubaram o governo de Miliukov; foi seu soviete que expôs ao mundo os termos da paz proposta pela Rússia — “Sem anexações, sem indenizações, com direito de autodeterminação pelos povos” —; e, novamente, em julho, foi a mobilização espontânea e desorganizada do proletariado que mais uma vez abalou o Palácio Tauride, exigindo que os sovietes assumissem o governo da Rússia.

Os bolcheviques, até então uma pequena seita política, puseram-se à frente do movimento. Diante do fiasco desastroso da sublevação, a opinião pública voltou-se contra eles, e as multidões que os seguiam, privadas de suas lideranças, refluíram para o bairro de Viborg, que é o Faubourg Saint-Antoine de Petrogrado. Houve, então, uma caça selvagem aos bolcheviques; centenas foram encarcerados, entre eles Trótski, a sra. Kollontai e Kamenev; Lênin e Zinoviev tiveram de se esconder, como fugitivos da Justiça; os jornais bolcheviques foram proibidos. Provocadores e reacionários proclamavam que os bolcheviques eram agentes da Alemanha, até que o mundo inteiro passou a acreditar nisso.

Mas o Governo Provisório se mostrou incapaz de sustentar suas acusações; revelou-se que os documentos que comprovariam uma suposta conspiração em favor da Alemanha haviam sido forjados;* os bolcheviques foram sendo soltos, um após outro, sem julgamento ou sob alguma fiança simbólica, ou até sem fiança alguma — apenas seis permaneceram presos. A impotência e a indefinição do oscilante Governo Provisório eram um argumento que ninguém podia refutar. Mais uma vez os bolcheviques lançaram a palavra de ordem, tão cara para as massas, “Todo o poder aos soviets!” — e, nisso, não faziam nenhuma pregação em favor próprio, já que, à época, a maioria dos soviets era controlada pelos socialistas “moderados”, seus inimigos mortais.

Em atitude ainda mais forte, os bolcheviques definiram seu programa mínimo a partir das aspirações básicas e simples dos operários, soldados e camponeses. Dessa forma, enquanto os *oborontsi* mencheviques e os socialistas revolucionários se envolviam em compromissos com a burguesia, os bolcheviques conquistavam rapidamente as massas. Em julho, eles haviam sido perseguidos e desprezados; em setembro, os trabalhadores das cidades, os marinheiros do Báltico e os soldados já haviam sido ganhos quase que integralmente para sua causa. As eleições municipais de setembro nas grandes cidades⁴ foram significativas: os mencheviques e os socialistas revolucionários obtiveram somente 18% dos votos, ante 70% em junho...

Um fenômeno intrigava os observadores estrangeiros: o fato de que o Comitê Central Executivo dos Sovietes, os Comitês Centrais do Exército e da Marinha** e os comitês centrais de alguns sindicatos — em especial os dos correios e telégrafos e os dos ferroviários — se opunham

* Faziam parte dos famosos “Documentos Sisson”.

** Ver Notas e esclarecimentos do Autor.

ferrenhamente aos bolcheviques. Todos esses comitês centrais tinham sido eleitos no verão, ou até mesmo antes, momento em que os mencheviques e os socialistas revolucionários ainda gozavam de grande popularidade; e eles adiavam ou simplesmente impediam novas eleições. Assim, pelos estatutos dos Sovietes de Deputados Operários e Soldados, por exemplo, *deveria ser convocado para setembro* o Congresso Pan-Russo; os *Tsik*, no entanto, não se dispunham a convocar o encontro, alegando que faltavam apenas dois meses para a reunião da Assembleia Constituinte, quando então, insinuavam eles, os soviets abdicariam do poder. Enquanto isso, os bolcheviques iam conquistando o controle dos soviets locais, um após o outro, em todo o país, bem como dos sindicatos profissionais e entre os marinheiros e os soldados. Os soviets de camponeses ainda se mantinham conservadores, pois, nos distritos rurais mais atrasados, a consciência política avançava muito lentamente e o partido dos socialistas revolucionários fora, durante toda uma geração, aquele que mais atuara junto aos camponeses... Mas, mesmo entre os camponeses, começava a se formar uma ala revolucionária. Isso ficou claro em outubro, quando a ala esquerda dos socialistas revolucionários operou uma cisão, formando uma nova facção política, os Socialistas Revolucionários de Esquerda.

Surgiam ao mesmo tempo diversos sinais, por toda parte, de que as forças da reação estavam ganhando autoconfiança.⁵ No Teatro da Farce Tróitski, em Petrogrado, por exemplo, a apresentação da opereta *Os pecados do tsar* foi interrompida por um grupo de monarquistas que ameaçou linchar os atores por “insulto ao imperador”. Alguns jornais começaram a ventilar a necessidade de um “Napoleão russo”. No meio da *intelligentsia* burguesa, tornou-se comum se referir aos Sovietes de Deputados Operários (*Rabochikh Deputatov*) como *Sabachikh Deputatove* — Sovietes de Deputados Caninos.